

**Transcrição da Escola de Comunidade com Julián Carrón
Milão, 26 de outubro de 2016**

Texto de referência: J. Carrón, “A Forma do Testemunho”, Passos outubro 2016, pp. 17-23.

- *Ser Poeta*
- *Žemė miega*

Glória

Carrón: Sejam todos bem-vindos! Este ano a conexão está disponível também para as pessoas que moram no exterior – como muitos nos pediam –, porque resolvemos o problema de tradução simultânea em inglês, espanhol e português. Começamos o nosso percurso com a consciência expressa nos dois cantos que escutamos: “Ser poeta é [...] ser mendigo”, isto é, “ter dentro um astro que flameja”, “é ter fome e ter sede de infinito!”. “É a saudade do céu azul”, como dizia a segunda canção sobre as estrelas: “Parece que me falam como a um irmão, como se quisessem dizer: vá além”. Não podemos iniciar senão com essa consciência, depois deste início do ano em que, através da peregrinação, pedimos para participar da misericórdia que tem piedade do nosso ser totalmente mendicante de algo de outro. Mas este nosso ser que mendiga, como dissemos no texto *A forma do testemunho*, vive em uma situação, para usar as palavras do Papa, em uma “mudança de época” que todos estamos enfrentando. Uma pessoa enviou esta contribuição: “Lendo *A forma do testemunho*, tocou-me particularmente o ponto que fala da mudança de época. É um ponto que percebo particularmente, sobretudo na escola (dou aulas em uma escola profissionalizante). Outro dia, falando sobre literatura do século XIII, perguntei aos alunos se sabiam quem era Francisco de Assis, e metade da classe disse que não. Fiquei espantada, mas não muito, porque normalmente parece que falo outra língua, que pertença a uma mentalidade muito distante; certos valores também não são mais óbvios, absolutamente”. Daqui, nasce a pergunta: o que estamos fazendo no mundo, o que significa estar diante de um desafio como este? A primeira questão é entender o que está acontecendo. Zygmunt Bauman diz que “preencher a distância entre a realidade em que vivemos e a nossa capacidade de compreendê-la não é um objetivo que se alcança rapidamente” (“Na raiz da insegurança”, entrevista de D. Casati, *Corriere della Sera*, 26 de julho de 2016, p. 7). Se um observador agudo como Bauman diz isso, podemos nos permitir tempo para entendê-lo também nós, porque não é imediato. Por isso surge em muitos a pergunta sobre o que é o conhecimento, sobre o que nos dizem fatos como este que acabamos de citar para começarmos a ter uma consciência do que está acontecendo.

Colocação: *Querida fazer algumas perguntas que nasceram da experiência feita neste início de ano. Em particular, ao ouvir várias vezes sobre fatos, determinados fatos (como o da mulher doente de AIDS encontrada pela Rose ou o do detento que olha de modo misericordioso para seus carcereiros), vejo que você usa uma dinâmica cognitiva que é muito diferente da minha; você sente a necessidade de voltar aos fatos que – é compreensível – lhe fazem companhia, que lhe fazem descobrir a realidade não apenas no início, mas continuamente, preservando-os. Entendo, então, que existe uma dinâmica do conhecimento mais profunda do que a minha, da qual quero muito participar, da qual percebo que preciso para não jogar a vida fora. Por isso, faço duas perguntas que estão muito vivas em mim. Primeiro: o que quer dizer que um fato nos faz companhia, ou melhor, o que quer dizer realmente conhecer, como fazer para não enterrar os fatos? Mesmo quando me parecem bons, depois de tê-los registrado e analisado a fundo, para mim terminaram, viro a página e passo para outra coisa. Diferente, porém, é a companhia que eles podem fazer à vida como relacionamento verdadeiro, ousado dizer, vocacional. Para mim, o conhecimento é como algo descartável, é a consumação daquilo que acontece, mesmo dentro de toda a minha boa vontade cristã, enquanto para você é uma companhia permanente, como um amigo que, com a*

convivência, aprofunda-se um significado e se caminha. Um exemplo disso é a postura em relação ao referendo que se aproxima: eu me comprometi com um trabalho muito bonito, empolgante, sobretudo graças aos amigos que me envolveram; e percebi que quanto mais ficavam claras as questões em jogo, mais eu – não os outros, eu – relativizava o conteúdo quando precisava assumir uma posição. Por que isso acontece? Ultimamente penso cada vez mais frequentemente na frase de Mounier: “É preciso sofrer para que a verdade não se cristalice em doutrina, mas nasça da carne”. Então, entendo bem duas coisas: provavelmente este sofrimento é também a mortificação – palavra positiva na minha experiência – de experimentar um limite para poder verdadeiramente ganhar a humildade que permite começar a aprender. Em segundo lugar, vejo a misericórdia que nos é dada como excepcional quando é a possibilidade de se envolver, como toda a verdade si, com pessoas capazes, por graça, de interromper o ciclo da repetição de si mesmo ao infinito, isto é, o ciclo do “não conhecimento”.

Carrón: O que você está percebendo é aquilo do qual partimos e que nos levou a esta situação de mudança de época. Porque – como repetimos em diversas ocasiões – os iluministas pensavam ter alcançado um tipo de conhecimento que lhes permitia perceber todo o alcance da realidade apenas com a evidência da razão, sem necessidade de mais nada. Mas esta tentativa, diz Bento XVI, falhou. O que você está dizendo é uma demonstração disso: estamos percebendo que os fatos que acontecem não são vividos de um modo que nos permita conhecer e por isso não nos fazem companhia; e a pessoa vira a página logo depois, como se nada tivesse acontecido. Você usou uma expressão: “Para mim, o conhecimento é como algo descartável”. Mas, o que Dom Giussani diz? O que precisamos perceber e aprender? Que um fato é caminho para o conhecimento se se torna verdadeiramente experiência. Diferente dos iluministas, Giussani afirma que o caminho para a verdade é uma experiência, um caminho de fatos. “*Experiência é viver aquilo que me faz crescer. A experiência realiza, portanto, o crescimento da pessoa [...] [e] expressa [sempre], por isso, o fato do dar-se conta do crescimento*”. Tudo está contido nesta palavra: “dar-se conta” de crescer. Porque, “o que caracteriza a experiência é *entender* uma coisa” (L. Giussani *Educar é um Risco*, Ed. Companhia Ilimitada, São Paulo, 2000, p. 85), descobrir o sentido de uma coisa que, por isso, depois, nos faz companhia. Se não aprendemos isto, os fatos são inúteis para a vida, para o caminho da vida, a história se esvazia e, por outro lado, não se vê mais a verdade, como dizia a primeira contribuição e como veremos daqui a pouco. Com essa questão aberta, escutemos os fatos da experiência para nos deixarmos ensinar por eles.

Colocação: Oi.

Carrón: Você aprendeu algo a partir da sua experiência?

Colocação: Sim.

Carrón: Ainda bem!

Colocação: *No início do ano passado chegou à universidade uma aluna nova que participou um pouco dos Colegiais, e começou a ficar perto de nós, a frequentar os grupos de estudo, a assistir as palestras conosco. Depois de alguns meses, tomamos um café e ela me disse: “Olha, não quero ofender, mas para dizer a verdade vocês parecem um pouco deslumbrados, iludidos, sempre falam de Deus, mas eu não acredito nisso, porque se Deus existe é um manipulador e eu prefiro viver sem isso”. Diante de tanta determinação e convicção...*

Carrón: Esta se torna a percepção do cristianismo se não entendemos o alcance educativo e cognitivo que tem: “Vocês me parecem iludidos!”.

Colocação: *Diante de tanta determinação e convicção, fiz uma tímida tentativa de argumentar no âmbito teológico, depois, parei de repente e comecei a perguntar sobre ela, sobre a sua experiência.*

Carrón: Por que parou?

Colocação: *Porque percebi que estava diante de um muro, não havia possibilidade de falar com ela porque estava diante não apenas de...*

Carrón: Percebem como descobrimos o caminho? Há certas modalidades e certas tentativas que não servem. A própria realidade nos oferece a possibilidade de entender. E então?

Colocação: *Então, comecei a perguntar sobre ela, se estava contente na universidade, se pensava nos dias mais felizes da sua vida. Diante de todas estas perguntas, continuava respondendo: “Não”, sistematicamente, de maneira muito indiferente e por isso me parecia não haver nenhum ponto comum sobre o qual pudéssemos dialogar, e todas as vezes que conversávamos, chegávamos a um ponto morto. Então, comecei a convidá-la para estudar comigo quando saía no fim de semana com outros amigos e a envolvê-la nas minhas coisas do dia a dia. Essa menina sempre aceitava o convite e voltava. Assim, dia após dia, mês após mês, muito lentamente, começou a se envolver e ficou tão interessada que...*

Carrón: Por que ficou interessada? Talvez porque tenha “virado a página”? Talvez porque os fatos não lhe fizeram companhia? Ou porque começou a entender algo?

Colocação: *Começou a ver que a vida que vivíamos também era para ela.*

Carrón: Ou seja, fez um caminho que a levou a conhecer algo. O quê?

Colocação: *Depois de alguma resistência, decidi ir às férias do CLU [universitários de CL], mas no início dizia que não iria porque não gostava das coisas que fazíamos. Mas, no fim, foi, e ficou muito contente. E percebi que algo estava mudando nela, não apenas porque tinha decidido ir às férias do CLU, mas porque começava a perceber as coisas que lhe aconteciam, começava a perceber quando estava feliz e quando não estava.*

Carrón: “Começava a perceber as coisas que lhe aconteciam”. Isto vale também para você, você percebia o que estava acontecendo.

Colocação: *Por isso, depois das férias do CLU, quando fomos à praia com alguns amigos, disse a uma de nós: “Fiquei feliz com estes dias, porque diferente de outras férias onde depois de alguns dias me cansava das pessoas com as quais estava, não me canso de vocês”. Portanto, no relacionamento com ela eu percebi não só que a dialética, a tentativa de fazer um debate com ela não me levava a lugar algum, mas também que a única possibilidade que tenho de lhe mostrar o que encontrei é envolvê-la na vida que conquistou, em primeiro lugar, a mim. Então, agora, as coisas ainda estão acontecendo, ainda não conversamos sobre Deus, não sei se ela ainda pensa que é um manipulador, mas tenho certeza, vejo que não nos considera mais iludidos porque não foi mais embora.*

Carrón: Fico impressionado como tantas vezes nossos amigos universitários se dão conta de que outras pessoas não veem o que eles veem, e começam a experimentar que a dialética não os leva a lugar algum, não leva o outro a entender o que não entende, a conhecer algo; começam a aprender que certas coisas não adiantam e, então, não usam mais instrumentos ou métodos que já se revelaram claramente mal sucedidos; “Eu percebi”: esta é a questão! “Percebi não só que a dialética, a tentativa de fazer um debate com ela não me levava a lugar algum, mas também que a única possibilidade que tenho de lhe mostrar o que encontrei é envolvê-la na vida que conquistou, em primeiro lugar, a mim”. O que isso quer dizer? Precisamos começar a perceber o que isso quer dizer para responder ao desafio da mudança de época. Porque, enquanto os racionalistas diziam que os fatos históricos não podem levar ao reconhecimento da verdade, aqui começamos a ver que somente um fato histórico (“envolvê-la na vida que conquistou, em primeiro lugar, a mim”) leva a reconhecer algo que antes não se reconhecia. De onde nasce um olhar assim?

Colocação: *Conto um fato simples que aconteceu comigo alguns dias atrás. Saí de casa de manhã, chovia, e em uma viela encontrei uma mendiga que está ali há muitos anos, agachada encostada no muro pedindo esmola. Eu passei, dei-lhe uma moeda e continuei andando. Então, ouvi uma voz forte, estridente, atrás de mim, uma voz de mulher, que dizia: “Que beleza! Se todos os que passarem por aqui deixarem um euro, vou ficar aqui no seu lugar!”. Virei-me bruscamente, porque me senti provocado, e vi uma senhora muito idosa zombando da mendiga. Fiquei irritado, porque achei injusto e, então, disse a mim mesmo: “Vou até lá agora colocar dois euros na mão dela e dizer: ‘Agora, senhora, sente-se aqui e fique aí o dia inteiro, esta noite quando eu voltar vamos ver, hein?!’”. Dei um passo, estava indo fazer essa cena, mas neste momento percebi algo dentro de mim que quebrou o acesso de raiva que tinha tomado conta de mim. E fui invadido por uma verdadeira comoção, porque olhava para a senhora idosa e pensava: “O que esta mulher, que já tem idade*

avançada e deve ter visto e vivido muita coisa, deve ter passado, que experiência deve ter feito, o que terá encontrado para ter um coração tão duro, tão rancoroso?”. E, depois, dei-me conta: “Caramba, e eu – eu! – Quem encontrei?!”. Isto aliviou meu sentimento de raiva e experimentei realmente uma grande sensação de ternura e comoção, e olhava para as duas, mas devo dizer que estava mais enternecido e comovido comigo mesmo, por este Outro que veio me salvar. Talvez seja isso o que você disse nos Exercícios da Fraternidade e que repetiu algumas vezes sobre o detento que voltou à prisão e dois guardas o humilharam durante uma revista, mas ele olhou para eles com misericórdia. Acho que é esta experiência. Foi um choque de serenidade, de felicidade verdadeira. Disse a elas: “Tenham um bom dia”, e fui embora contente por isso.

Carrón: Você foi invadido por uma estranha sensação de ternura. É apenas sentimental? Ou é um juízo, uma verdadeira consciência que tinha como razão o dar-se conta de ter sido salvo? Tanto que estava mais comovido. E isto fez com que você olhasse para o outro se perguntando o que teria ou não encontrado na vida para ter um coração tão duro. Conhecer a nós mesmos e conhecer o outro pelo fato de perceber algo que possuímos, que o nosso pertencer, aquilo que vivemos, é a origem da nossa posição cultural, sem dar grandes explicações, sem fazer grandes propósitos, quase surpreendendo-nos com aquela origem que nos torna comovidos pelo fato de que um Outro veio nos salvar, sem reduzi-lo a uma coisa sentimental, mas reconhecendo-o como algo que plasma de tal forma o meu eu que não posso deixar de reconhecer Cristo também na maneira de olhar para o outro. Quem sabe o que não encontrou aquela senhora! Como, ao contrário, aconteceu ao detento encontrar algo. Que um fato, um encontro me faz companhia pode ser visto na nova maneira com a qual enfrento as situações, os desafios da realidade, as coisas com as quais me deparo.

Colocação: *Alguns dias atrás, em uma das minhas turmas, uma menina propôs retomarmos o tema do diálogo a partir de Sócrates e fez isso dizendo: “Este tema me interessa porque quero entender o que o diálogo do qual Sócrates fala tem a ver com a vida, com os questionamentos da vida”. Quando ela colocou essa questão, fiquei impressionado e pensei: “Esse assunto é interessante”. Então perguntei aos meninos o que eles achavam e começou um debate que eu não esperava, porque é uma classe não muito animada, meus colegas até reclamam; naquele momento, começou a se desenrolar uma discussão. E eu pensava que tinha despertado o interesse deles, porque cada um dizia um pouco o seu ponto de vista, a sua opinião. A certo ponto, um rapaz, apontando para um outro, disse de modo meio sarcástico: “Eu também gostaria de saber a opinião dele, o que ele pensa a respeito”. Esta frase, dita de modo sarcástico fez com que eu entendesse que estava me entusiasmando por uma coisa que não era um diálogo, era apenas uma discussão, porque cada um expunha suas ideias, dizia o que pensava e não se chegava a nada. Então, parei e perguntei a todos: “Vocês acham que estamos tendo um verdadeiro diálogo ou será que cada um está simplesmente expondo sua opinião?”, segundo a ideia dominante de que cada um tem sua opinião. A maioria disse: “Professor, com o senhor é possível dialogar”. Mas um rapaz disse: “Não, não, estamos apenas tendo uma discussão, porque cada um está colocando a própria ideia, mas não está atento ao que o outro diz, não interessa o que o outro diz, afirma a sua opinião segundo a ideia de que cada um tem a sua verdade e portanto...”. Era isso mesmo. Foi um contragolpe, em primeiro lugar, para mim, porque substancialmente, naquela primeira parte da aula, como pensava que precisava fazê-los discutir durante a aula, favoreci a discussão; e ainda bem que aquele rapaz levantou a polêmica, porque percebi que o coração do homem quer mais do que uma simples discussão. No fundo, não estávamos respondendo à pergunta da menina, porque cada um estava apenas colocando a sua opinião. Então, agradei por esta observação, e disse: “Olhem que é a primeira vez que acontece comigo, nestes últimos anos, vir à tona de modo tão claro que há algo mais do que o diálogo socrático [porque o diálogo socrático, no fundo, é o que eles estavam fazendo: uma discussão de ideias], e eu, no fundo, não tinha percebido isso tão bem quanto vocês”. Então, na segunda parte da aula, aconteceu algo diferente: enquanto antes havia o esforço de expor a própria opinião, cada um dizia o que achava e depois pensava nas próprias coisas, começaram a se olhar e a dialogar, não expunham mais suas opiniões, mas dialogavam. Isso me impressionou, porque bastou uma observação, de um certo ponto de vista, banal, para me fazer*

experimentar o contragolpe do coração e para entender que estes jovens querem mais, que esta mudança de época é a necessidade de algo a mais, enquanto eu estava reduzindo o diálogo a uma discussão de ideias e a discussão de ideias certamente não leva a conhecer a si mesmo e a conhecer o outro! Como diz Dom Giussani: a ênfase não é sobre as ideias, mas sobre a pessoa, enquanto eu tinha colocado a ênfase sobre as ideias e não sobre a pessoa. Quando a aula terminou, saí. Por um lado, estava contente: algo aconteceu, um pequeno fato que me mudou. Por outro, porém, durante meia hora insisti sobre a discussão. Então, dei-me conta da abstração com a qual faço Escola de Comunidade. Disse a mim mesmo: “Mas como, estou lendo o diálogo em Dom Giussani, estou lendo que o diálogo é vida, eu participei inclusive dos encontros dos primeiros anos quando se colocava em comum a experiência e não percebi, a não ser pela observação daquele rapaz, que estava acontecendo uma discussão de ideias?!”. Disse: “Ainda bem, porque essa observação fez com que eu retomasse o que já estava na experiência e dentro do coração”. Esta foi uma experiência que me tocou muito.

Carrón: Você não tinha percebido; e quando percebeu, deu-se conta do que é realmente o diálogo, que o diálogo não pode acontecer realmente se não se encontra o outro porque está interessado na sua contribuição. Agora todos nós podemos começar a usar esse teste para o nosso caminho humano: nesta semana tive diálogos ou discussões? Sobre o referendo, por exemplo, estou tendo diálogos ou discussões? Porque o homem, como se vê, não é nada além do que cantamos no início: ser poeta é ter fome e sede e, por isso, só pode ir além da discussão, “vai além”. Então, nos interessa entender bem do que estamos falando, porque esse diálogo pode acontecer também de modo inesperado. Uma pessoa da China me escreveu (que obviamente não pôde estar aqui para falar!) que um dia o porteiro do edifício onde mora disse a ela e ao marido: “‘Entre vocês dois há realmente um grande amor. Vejo muitos casais, mas não como vocês. Esse amor é realmente uma coisa grande, viver assim é realmente bonito. Desejo que vocês possam viver este amor durante toda a vida’. Eu perguntei por que ele estava dizendo aquilo, já que só falava chinês e, por isso, não entendia o que falamos um com o outro. Apenas nos vê passar de manhã quando vamos para o trabalho, quando voltamos do trabalho ou do supermercado com as sacolas de compras, ou quando saímos por qualquer outro motivo. Não convivemos com ele e não falamos sobre nós. Ele me disse: ‘O que a senhora acha? Eu não entendo as palavras que dizem, mas vejo e logo percebi isso desde que cheguei aqui. Eu vejo o modo como conversam, o tom de voz que usam, que o que os mantém juntos não é o dinheiro’. Nós não dissemos uma palavra sobre o nosso relacionamento e o porteiro viu isto, percebeu [é impressionante a verdade dessa expressão: “perceber” é a palavra que Giussani usa para descrever a experiência] que o matrimônio que nós vivemos não é como o dos outros. E fiquei impressionada como alguém pode testemunhar algo sem dizer uma única palavra”. É um diálogo, porque é a comunicação de si ao outro, mesmo não falando a mesma língua.

Colocação: *Comecei a ler o texto “A Forma do Testemunho” e o que você disse na peregrinação a Caravaggio (onde não consegui ir, infelizmente) e de modo inesperado percebi uma correspondência com aquilo que estou vivendo neste período. Digo inesperadamente porque fiquei surpresa ao perceber como aquilo que você disse tornou-se uma imediata comparação com o que está me acontecendo, sem nenhum esforço ou sem um “sim, mas isto eu já sei”, e é realmente bonito quando isso acontece. Explico. Conto brevemente dois fatos que me aconteceram neste mês. Sou enfermeira e depois de cerca de um ano voltei a trabalhar. Fui designada para um setor que seria o último que desejaria para mim. Naqueles dias, estava realmente triste e via a realidade como inimiga, no fundo a circunstância era algo que impedia o meu caminho. Depois, um dia conversei com uma querida amiga e lhe contei algumas coisas bonitas que tinha visto, mas no fundo a última palavra continuava sendo a dificuldade que estava vivendo. Ela me escutou e, num determinado momento, me perguntou: “Então, o que lhe permite viver? Jesus é realmente aquele relacionamento que salva você mesmo quando tudo parece estar contra você?”. Fiquei desconcertada porque, no fundo, buscava apenas alibis para não responder a estas perguntas. A partir daí, tudo mudou. Não a realidade, que continua sendo muito difícil, mas o modo como comecei a olhar para ela. Li o texto “A Forma do Testemunho”, onde você diz que a capacidade de*

encontrar o outro nasce de uma certeza existencial gerada pela fé. No meu setor, uma enfermeira se interessou por mim e está nascendo um relacionamento muito livre, tanto que compartilhou comigo uma dor que está vivendo. Fiquei tocada porque é realmente verdade que o ponto não é a minha capacidade dialética de fazê-la ver como é possível viver a vida, porque o que me permitiu entrar em relacionamento com ela foi começar eu, em primeiro lugar, a viver o relacionamento com Jesus na minha vida e, portanto, no trabalho, lavando junto com ela os pacientes ou organizando as fichas, pedindo todas as manhãs para que Ele me faça sua. Outro fato simples aconteceu numa manhã. Precisava dar banho em cerca de vinte pacientes, então estava muito apressada para conseguir fazer tudo. Num determinado momento, encontrei uma senhora que me pediu para acompanhá-la ao banheiro. Os colegas tinham me dito que, uma vez no banheiro ela seria capaz de tomar banho sozinha. Enquanto a levava ao banheiro, ela me disse: “Sozinha não consigo me lavar”. Então, eu a levei ao banheiro, dominada apenas pela preocupação de atrasar o meu trabalho e comecei a lhe dar o banho. Enquanto a ajudava a tirar a roupa, ela me disse: “É realmente ruim depender em tudo de todos”. Neste momento, despertei e comecei a olhar para ela. Pensei em mil coisas que poderia lhe dizer sobre o que encontrei e que me faz respirar todos os dias e, talvez, assim, ela parasse de dizer aquilo. Depois, me lembrei do que você diz em A Forma do Testemunho, ou seja, que o verdadeiro diálogo é mostrar a experiência que eu vivo, então disse a mim mesma: “O modo mais verdadeiro de estar diante dela agora é responder à circunstância em que me encontro, dar o banho nela do modo como eu gostaria que fosse feito comigo”. Ficamos juntas um longo tempo. Havia um clima quase familiar. No fim, ela olhou para mim e disse: “Depois deste banho, sinto-me uma nova mulher”. Fiquei realmente comovida, porque também eu depois daquele encontro senti-me renascer simplesmente porque através da sua necessidade descobri-me como ela: mendicante, necessitada de tudo. Eu também tenho necessidade de depender do Único que me faz a cada instante, tanto que, se não é assim, tudo me irrita e me esmaga.

Carrón: E o que isto significa em relação à comunicação ao outro, nesta mudança de época em que ninguém vê, nem você via, tanto é verdade que olhava para a realidade como inimiga? O que fez você fazer o caminho que fez com que começasse a ver as coisas de modo diferente e a fazer o que você fez?

Colocação: *Comecei a me fazer perguntas e entendi que a coisa da qual fugia era o que me permitia viver. Quando entendi o que foi que me permitiu...*

Carrón: Primeira questão. Não é que com nossas explicações podemos convencer, porque nem nós estamos convencidos, de fato eu posso ter todas as explicações e ainda assim perceber a realidade como inimiga. Como lhe disse sua amiga, a realidade é a oportunidade, a ocasião para ver se Jesus é o relacionamento que salva você. Sem fazer essa verificação, no fundo não teria conseguido realizar aquele gesto. Por quê? Porque – como você diz – foi só a certeza existencial adquirida na tentativa de viver a sugestão da sua amiga que lhe permitiu entrar em relacionamento com a realidade, não dialeticamente: “Começar eu, em primeiro lugar, a viver o relacionamento com Jesus na minha vida e, portanto, no trabalho”. Nós só podemos introduzir os outros na realidade, a ponto de fazer uma mulher sentir-se renovada, através de uma história, de uma experiência pessoal, humana, através de nós mesmos, tanto que o que antes não se via, agora se começa a ver.

Colocação: *No trabalho que estamos fazendo surgiu uma pergunta que me parece essencial. A pergunta é esta: qual é a forma do meu pertencer, isto é, qual é o gesto, o modo através do qual eu vivo na realidade a experiência de um pertencer? Muitas respostas vieram à minha cabeça, todas até razoáveis e provavelmente aceitáveis: esta longa história na qual me encontro e que prezo, a tradição que amo e que estimo, a regra dentro da qual vivo, tudo somado, uma fidelidade no tempo a esta companhia. Mas ter formulado esta pergunta fez com que eu entendesse que estas respostas eram insuficientes porque é apenas um, acredito, o modo através do qual meu pertencer é real, é verdadeiro e fecundo: o “sim” de Pedro; não é a história que carrego, não é a regra à qual obedeco, não é a tradição na qual estou, não são os amigos dos quais não me separo, mas é exatamente o “sim” de Pedro o verdadeiro gesto de pertença. Os outros gestos são uma consequência. De outro modo, esta história, esta tradição, esta regra, esta companhia – como nos*

disse com clareza Dom Giussani e como repetiu em termos quase idênticos o Papa – se cristaliza, isto é, torna-se pedra, pedregosa, não há mais flor, não há mais fruto, nem em mim nem na sociedade. E acrescento uma segunda coisa, rapidamente: como se vê se este é o modo com o qual eu pertencço? Outra coisa que você citou de Dom Giussani no texto “A Forma do Testemunho” me fez entender: este é o critério! Então entendi o que quer dizer que a expressão cultural é o que demonstra, que torna evidente a que você pertence. E me perguntei: “Qual é para mim e para nós a mais evidente, mastodôntica diria, expressão cultural? A nossa unidade, a nossa companhia. E eu, como estou nesta companhia? Eu a estou construindo? Esta companhia é uma expressão cultural minha, é algo na qual estou?”. E parece-me ter entendido que o único modo através do qual eu torno possível essa impossível unidade, como sempre nos disse Dom Giussani, é que eu diga: “Sim” a Cristo presente aqui, hoje, no modo com o qual está presente aqui, hoje. Qualquer outro modo é parcial e infecundo, em última instância.

Carrón: O que quer dizer o “sim” de Pedro, este gesto de pertença? Por que você acha que é tão crucial para responder a essa mudança de época? Como este “sim” pode responder de modo exaustivo ao desafio que temos diante de nós?

Colocação: *Porque acredito que seja a única fonte de novidade, e a única possibilidade de novidade que me é dada não pelas circunstâncias, mas dentro das circunstâncias, mesmo que tenham mudado completamente. Como eu faço para ser novo em uma situação nova? Se digo “sim” a Cristo no modo com o qual está presente na minha vida hoje. E isto me capacita também a compreender os passos a serem dados, os gestos a serem realizados, o trabalho a ser levado adiante, etc. Parece-me que esta é a origem da novidade, não há outra. As outras coisas são todas coisas que podem nos tornar ativos, generosos, presentes socialmente, culturalmente, cientificamente, etc, etc, mas de onde vem a novidade? Do dizer sim a uma Presença, hoje, me parece.*

Carrón: Há muito para ser entendido. Deixo aberta a questão porque nesta sua colocação está realmente a resposta à mudança de época que estamos vivendo. Por quê? Porque, como eu dizia no início, para nós, muitas vezes, não é um fato histórico o que nos leva ao “conhecimento” da verdade, à consciência do verdadeiro. Vimos em todos os testemunhos de hoje que só o dar-se conta do que está acontecendo permite colocar-se na realidade de um modo diferente. Você, agora, acrescenta o “sim” de Pedro. Se relermos o que Dom Giussani diz sobre o “sim” de Pedro, vemos porque o cristianismo representa a possibilidade de responder adequadamente ao desafio cultural do momento atual: uma “história particular [...] é a chave mestra da concepção cristã do homem, da sua moralidade, no seu relacionamento com Deus, com a vida, com o mundo” (L. Giussani – S. Alberto – J. Prades, *Generare tracce nella storia del mondo*, Rizzoli, Milão 1998, p. 82), ou seja, com a realidade e com a história. O que cada um experimenta é que quando deixa Cristo entrar na sua história particular, no seio da comunidade cristã, começa a acontecer algo que permite colocar na realidade um tipo de experiência que responde ao desafio desta época no cotidiano, quando convidamos os outros para estudar, quando cuidamos de um doente, quando dialogamos com os alunos, quando encontramos uma mendiga. E os outros começam a ver o que antes não viam. Porque foi assim que o cristianismo começou e é assim que vai continuar: sem nunca separar a história particular da verdade. Se nossa amiga não tivesse aceitado enfrentar a realidade que lhe parecia inimiga com a hipótese de Cristo, não teria sido capaz de tratar daquele modo, com aquela simplicidade, a sua paciente. E assim por diante. Ainda precisamos entender tudo isto, mas vemos que começamos a perceber que é muito fácil, como no início com Jesus: veio e fez o cristianismo. Começa a acontecer, e os outros começam a ver o que antes não viam. E isto se documenta na expressão cultural, porque nós entramos na realidade com uma consciência nova, percebendo algo que já, mesmo que inconscientemente, carregamos “no sangue”. Começamos a entender que não é a dialética a modalidade com a qual encontramos o outro, e que não é uma abstração o que pode movê-lo; mas um envolvimento. Jesus nos envolveu em uma experiência – como vocês diziam –, em uma nova vida que nos permitiu reconhecer a verdade. Somente assim podemos identificar cada vez mais qual é a forma do testemunho que permite comunicar não um sentimentalismo, mas a verdade, uma nova percepção da realidade, uma nova percepção das coisas. E isto se torna

realmente uma contribuição significativa – vemos isso através de tantas coisas que contamos – a todos os que encontramos pelo caminho, qualquer que seja a situação em que se encontram. Então, a história não se esvazia, nós fazemos o percurso do conhecimento, conhecemos cada vez mais e vemos que fica como companhia em nós pela modalidade com a qual entramos na realidade e estamos diante de todos com a certeza existencial daquilo que carregamos. E nós mesmos ficamos espantados, comovidos com o que o Mistério continua fazendo agora, não no passado, agora! Por isso, Jesus vem nos perguntar: “Tu me amas?”, “Sim”. Este “sim” não é algo intimista, mas é algo que toma toda a vida e se exprime em tudo o que fazemos. Se este pertencer cresce, se não nos separamos dele, então poderemos colocar na realidade uma novidade, tornando-a experiência possível também para os outros, porque nós fomos escolhidos para que os outros, num determinado momento, possam ver, participando de uma companhia como a nossa e, ao mesmo tempo, para que nós mesmos possamos nos enriquecer com o que os outros nos oferecem, porque descobrimos muitas coisas através deles. O referendo é uma belíssima ocasião para nos educarmos a isto. Ou é um diálogo ou é uma discussão. É preciso dar-se conta do outro, das suas razões para não descarregar a minha responsabilidade sobre alguém que me diga o que devo fazer, para participar, eu, da aventura do conhecimento. Este é o significado do nosso panfleto *Para recuperar o sentido da vida juntos*: não perder a ocasião, também nesta circunstância, de aprender. E assim, no final deste percurso, poderemos verificar se nos envolvemos, se esclarecemos suficientemente as razões para podermos responder à questão que nos é colocada. Senão, terá sido inútil, para nós e para os outros, como muitas coisas que acontecem e não deixam rastros porque não constroem a convivência, não constroem um lugar de diálogo e, assim, não descobrimos as razões para estarmos juntos. Parece-me que temos uma bela oportunidade que, espero, não desperdicemos.

AVISOS

- A partir deste ano está ativa a conexão em vídeo da Escola de Comunidade também para as comunidades estrangeiras, com tradução simultânea em inglês, espanhol e português. No diálogo que tivemos, que nos levou a esta decisão, enfatizávamos a importância de sentir-se protagonistas. A pessoa pode estar aqui como protagonista, assim como pode ser protagonista nos grupos durante o mês, ou pode ser passivo nos grupos e aqui também. Não é a forma que nos torna protagonistas ou passivos, mas o modo com o qual estamos na realidade. Portanto, somos todos chamados a sermos protagonistas e não simples espectadores de um gesto “edificante”. Por isso quem tem perguntas ou contribuições poderá fazê-lo também do exterior, enriquecendo, assim, a vida de todo o Movimento.

Como já disse outras vezes, o gesto é livre, para quem quer participar, mas exatamente por isso pedi aos responsáveis para garantir a todos a possibilidade de poder se conectar. É importante, porém, que a conexão tenha a característica de um gesto vivido comunitariamente, como fazemos aqui. Por isso, não será dado acesso às pessoas individualmente. Além disso, a transcrição sempre é colocada à disposição de todos no nosso site. O e-mail para onde enviar as perguntas e breves colocações sobre o texto da Escola de Comunidade é: sdccarron@comunionaliberazione.org. Peço que o usem só e exclusivamente para a Escola de Comunidade. No caso dos estrangeiros, as contribuições devem ser enviadas até a sexta-feira à noite e os italianos até o domingo à noite precedente ao encontro, de modo tal que tenhamos tempo de lê-las e, no caso, traduzi-las. Peço também que coloquem o número de seus celulares para que possamos contatá-los para fazerem a colocação diretamente.

Gostaria de esclarecer por que escolhemos certas colocações, porque alguns dizem: “Tudo já está combinado!”. Não, nada é combinado! Entre as muitas contribuições que chegam, vemos que em algumas o Mistério faz acontecer algo particularmente significativo que é uma riqueza para todos. Também no modo de guiar um gesto como este queremos seguir – eu, em primeiro lugar – aquilo que o Mistério faz acontecer para poder fazer um gesto que seja útil a todos. Desejo ser o primeiro a seguir o que o Mistério faz, através das contribuições que vocês enviam. E isso não é “pré-preparar”, mas obedecer ao que o Mistério faz. Depois, haverá outros momentos da vida do Movimento ou outros momentos da Escola de Comunidade em que cada um poderá encontrar

outras maneiras de se colocar. Portanto, é uma obediência àquilo que o Mistério faz. Todos nós fazemos o caminho e às vezes o Mistério faz um florescer, faz outro viver uma experiência que é uma riqueza para todos e, por isso, começamos por estes. Ponto.

- A próxima Escola de Comunidade será quarta-feira, 23 de novembro, às 21h00. Preparemo-nos retomando a segunda parte do texto “A Forma do Testemunho” (*Passos* outubro/2016), do ponto 6 ao ponto 9.
- O livro do mês para outubro e novembro [para a Itália] é *Ultime conversazioni (Últimas conversas)*, de Bento XVI. É um belo exemplo de como nasce a certeza: não como afirmação abstrata de ideias corretas e honestas ou de dogmas, mas no relacionamento dramático com o Senhor. É impressionante quando revela seu relacionamento pessoal com Cristo marcado também por momentos de dificuldade. Isto torna o caminho da fé muito humano e se entende também a raiz da audácia do pensamento e da expressão cultural de Bento XVI.
- A Campanha Tendas que apoia alguns projetos da AVSI no mundo pode ser realizada na Itália e no exterior, nas modalidades mais criativas e adequadas às situações. O título da Campanha é: **#RefugiadosMigrantes. Ao trabalho, para mudar o rumo das coisas**. Este ano a Campanha Tendas terá como fio condutor o tema dos migrantes e refugiados, com particular atenção à questão educativa e profissional. A partir da metade de novembro estarão disponíveis mais informações.
- Além das Tendas AVSI, lembro que o Movimento indica especialmente como gesto de caritativa a Coleta de Alimentos que, este ano, na Itália, acontecerá no dia 26 de novembro [No Brasil, dia 5 de novembro]. É importante para nós participar deste gesto, também para apoiá-lo e poder compartilhá-lo com muitas pessoas. Dos cento e trinta mil voluntários que normalmente participam deste gesto na Itália, somente trinta mil são do Movimento. Por isso, a Coleta promovida pelo Banco de Alimentos é uma ocasião para compartilhar com os outros o olhar com o qual nós aprendemos a viver este gesto, para que nunca decaiam as razões pelas quais o fazemos e a modalidade com a qual o vivemos.

Veni Sancte Spiritus. Veni per Mariam